LITERATURA DE CORDEL

HÉLIO ALONSO



JOSÉ GUILHERME TELES

Distribuição gratuita



Cordel digital produzido e distribuído por **netmundi.org** com autorização do autor.

INTRODUÇÃO

Visionário, democrata,
Um ímpar educador,
Craque no bom futebol,
Grande empreendedor;
Liberal e muito amado,
Preferia ser chamado
Apenas de Professor.

No ensino, pioneirismo,
Visão empresarial,
Vocação pro magistério
O levaram afinal
A se especializar
Naquele Vestibular
Temido da Nacional.

O seu Curso, concorrido,
Sempre muito frequentado,
Elogio no boca-a-boca
O tornaram procurado
Por quem tinha pretensão
De ser logo no então
Vestibular, aprovado.

Respeitando professores,
Na Facha, seu ideal,
Privilegiou gestão
Fraterna, profissional.
Em tempos de ditadura,
De repressão e censura,
Deu respaldo, afinal
Tinha como objetivo,
Há muito consolidado,
Preparar profissionais
Para atuar no Mercado;
Agindo criticamente,

Pensando efetivamente,
Foi por todos respeitado.

Além de ser grande polo
De estudos, reflexões,
A Facha também foi palco
De grandes intervenções
No cenário nacional,
Favorecendo afinal
Da arte, revelações.

Os cursos organizados
Por docente competência
Fazem da instituição
Um centro de excelência.
A crítica produção,
Do Brasil, reflexão,
Mantém-na em evidência.

O percurso de Hélio Alonso
Esteve sempre marcado
Desde o início por
Foco no aprendizado;
Com formação humanista,
Sua postura altruísta
Ratificou seu legado.

Transmutou-se em professor
Por estrita vocação,
Foi o que ele escolheu,
Dedicou-lhe atenção;
Mestre, craque no latim,
Também do Português, sim,
Se tornou espelho, então.

Nato empreendedor,

Mas agia limitado
Pelas determinações
Impostas pelo mercado
Que priorizava o lucro,
Ele, qual cavalo *chucro*
Se opôs a esse estado.

Na contramão do modelo
Predominante então,
Ele bem priorizou
Dos alunos, formação;
O seu desenvolvimento,
Dando-lhes abatimento
Para evitar exclusão.

Em todos depoimentos
De aluno, funcionário,
Há unânime discurso,
Caráter majoritário
Sobre a grande relevância
Do seu papel, com constância,
Pra ele, prioritário.
Há relatos, narrativas,
Além de depoimentos
De alunos, professores,
De incontáveis momentos;
Tem de personalidades
Do Jornalismo, verdades
Da Facha de outros tempos.

O filho de operários
Cujos sonhos partilhou
As maravilhas sonhadas
Que sempre acreditou:
Somente a educação
Causa a transformação.
Para isso ele educou.

DE NITERÓI À GAMBOA

Do Hélio, do Professor,
Toda sua trajetória
Com o Brasil contemporâneo
Se confunde sua história;
Da infância, restrição,
À Facha, sua direção,
Foi estrada meritória.

Nos primeiros anos do
Século XX ocorreu
Intensa imigração
Da Europa e enriqueceu
O cultural do Brasil,
Nessa leva, aqui no Rio
Miguel Alonso irrompeu.
Da província de Cádiz,
Espanhol de nascimento,
Desejava nova vida
No Brasil, melhoramento;
Conhecendo Arcelina,
Ratificou sua sina
A tomando em casamento.

Dessa união nasceram
Cinco filhos, mais varões;
Hélio, o quarto, em 28
Iniciou seus verões;
Herdaria dos seus pais
Valores essenciais
Às suas realizações.

Na infância, Hélio foi
Muito ativo, sorridente,
No mangue sempre brincava
E caranguejos, contente

Pegava, também jogava
Pião e pipa soltava,
Mas o prazer mais presente

Sempre foi o futebol,
Seu esporte preferido;
Atuava na defesa,
Um lateral aguerrido.
Por toda a vida o manteve,
Com futebol sempre esteve
Muito tempo envolvido.

Começou com sete anos
Sua vida escolar
No *Colégio João Ribeiro*,
O primeiro a estudar;
Aulas de religião
Não eram sua opção,
Preferia as *matar*.

Depois no *Salesiano*
Um estudo em internato,
Mas não foi tão duradouro,
Teve findado o *contrato*;
Viu sua bolsa encerrada,
Voltou então pra *estrada*,
A *comer no mesmo prato*

Pois como onde morava
Não havia outra opção
Além dessa quinta série,
Hélio a repetiu então;
Os seus pais bem que tentaram
Mas no fim capitularam.
Foi a melhor solução.

No outro ano, entretanto,

Procurando alforria,
Miguel o matriculou
No que lhe trouxe alegria:
O curso valorizado,
Por muito jovem adotado:
O de datilografia.

Miguel era operário,
Nível categorizado,
Da Fábrica de Tecidos
Na Saúde, instalado,
Dedicado tecelão
Trabalhava neste então,
De Moinho Inglês chamado.

Lauro, seu segundo filho
Também era tecelão,
Também no Moinho Inglês
Exercia a profissão.
Pra evitar o desgastante
Dia-a-dia estafante
Se mudou pro Rio então.

Em quarenta e dois enfim,
A família fez mudança,
Veio com Lauro morar;
Novos ares, mais bonança;
Mirtes tinha se casado,
Nelson estava incorporado;
Dançavam a própria *dança*.

O PROFISSIONAL

Contando quatorze anos,
Já no Rio bem instalado,
Teve seu primeiro emprego,
Foi profissionalizado.
Guias datilografava

E depois as entregava.
À cidade incorporado.

Nesse emprego, Elizabeth,
Sua amiga, conheceu,
Sabedora dos seus sonhos,
Conselho lhe ofereceu:
- Fazer universidade
É distante realidade,
Comercial é mais teu.

De fato, nesse momento,
Um filho de operário
Fazer universidade
Era bem imaginário.
As públicas, ocupadas
Por filhos de abastadas
Famílias, é o cenário.

Hélio sabia que ela
Tinha toda a razão,
As condições da família
Tolhiam essa ambição;
Se mantendo responsável,
Logo veio o improvável:
Faturista, promoção.

Com o novo rendimento,
Que foi providencial,
Ajudava em sua casa,
Para ele, natural;
Sua vida organizou,
Então se matriculou
No curso Comercial.
Nas aulas de Português,
Alvercindo conheceu,
Excelente professor

Que logo o convenceu:
- Faça o *Noventa e Um*,
Deixarás esse *jejum*.
Hélio logo percebeu

Que era sua grande chance
Pro Ginásio concluir,
Estudou um ano inteiro
E conquistou o porvir.
Depois de ser aprovado,
Por Latim se apaixonado
Queria estudos seguir.

Trocou de emprego, ganhando
No novo quase o dobro;
Resolveu fazer o *Clássico*
Pra realizar seu cobro;
No *Colégio Juruena*,
Mais feliz que Açucena:
Um Clássico sem soçobro.

Elizabeth, a amiga
Do tecelão sindicato
Se manteve ao seu lado,
Como fosse amigo nato;
Num encontro de rotina
Se encantou com Josephina,
A companheira de fato.

Josephina, por Alonso
Foi atraída, é verdade,
Não só por sua beleza
Nem sua virilidade,
Vários outros atributos
Que os deixava resolutos,
Com muita felicidade.

Ela, assim como Hélio,
Tinha preocupação
Com os estudos, porém,
Sem liberdade de ação;
Mas ele na *Nacional*,
Ela na *Estadual*,
Pura determinação!

Ainda em quarenta e oito
No *Dragões da Independência*
Hélio foi incorporado;
Teve boa permanência,
Por valores demonstrado,
Teve o tempo aliviado
Num serviço de excelência.

Em quarenta e nove, Hélio
Com problemas de saúde
Se mudou para Friburgo
Pra cuidados amiúde.
Sentindo que melhorara,
Logo então extrapolara.
Quase foi pro ataúde.

Hélio então percebeu
Que sua debilidade
O havia definhado.
Era grave de verdade.
Reagiu com decisão,
Pedindo à sua mãe então
Comida de *qualidade*.

Recuperou-se então
Só pensando em estudar,
Havia perdido tempo,
Tinha que o recuperar.
A dedicação serviu

Tanto que ele conseguiu
Ter o segundo lugar.

O DIFÍCIL ACESSO (1949)

O Instituto Brasileiro ...,
O chamado IBGE,
Mostrava as discrepâncias,
Na verdade, como é
O ensino do Brasil:
Minoria conseguiu
Tirar da lama, o pé.

Hélio venceu a pleurisia
E as *Educacionais*
Estatísticas vigentes
Naqueles tempos, letais.
Pra Elizabeth mostrar
Que iria se diplomar
Contra todos os sinais.
Ele logo percebeu
Que a única solução
Era a estabilidade
Numa pública função,
Com profissionalidade,
Mantendo assiduidade,
Muita determinação.

Para o IAPI
Conseguiu ser aprovado
Para ser escriturário
Com salário melhorado;
Com tempo para estudar
Muito vai se dedicar,
Na Nacional ingressado.

Com *Direito* feito à noite
E à tarde trabalhando,

Logo arrumou um jeito
Para as manhãs, ocupando,
Na *PUC*, as horas lápsicas
Dedicou às *Letras Clássicas*,
Todo tempo aproveitando.

Foi como Escriturário
Que Hélio se destacou
E função no *Ministério*
Do Trabalho aceitou.
Pela sua experiência,
Inegável competência,
Doze anos lá ficou.

O CASAMENTO

Preocupados, no entanto,
Mas também com as carreiras,
Jô e Hélio só casaram
Superando mil barreiras;
Só oito anos após,
Ficaram enfim a sós.
Guardariam as umbreiras.

Em julho de cinco-seis
O casamento ocorreu,
Foi evento concorrido
E surpresa sucedeu:
Seus alunos que vieram,
Em peso eles quiseram
Abraçar o mestre seu.

Logo após, em cinco-sete
A primeira emergiu,
Cláudia e em sessenta e um,
Márcia, também refletiu;
Sessenta e quatro, afinal,
De maneira terminal,

Andréia se incluiu.

No mesmo ano, entretanto,
Houve o falecimento
Do seu pai, Miguel Alonso,
Foi como abalroamento;
A sua mãe, Arcelina,
Em setenta e sete, sina:
Com Miguel reengajamento.

AS PAIXÕES

Bem disse a filha Cláudia:
- “As duas grandes paixões
Do meu pai são futebol,
Que praticou sem sanções
E o amor às viagens,
Conhecer várias paragens,
Sempre novas emoções.

Com sua Kombi brejeira,
Inteiramente equipada,
Viajava com a família
Ou com outra, acompanhada;
Conhecendo o Brasil
De norte a sul, varonil.
Pista de terra ou calçada”.

Desde os oito anos que
Arrumava uma pelada,
Pelas ruas do Barreto
Começou sua empreitada;
ACM e AABB,
Onde desse pra correr,
Nalguma equipe formada.

Amante do futebol,
Em garoto, tricolor,
Mais tarde, Vasco da Gama

Até o Bota se impor;
Depois que Francisco Horta
Fez do Flu crescer a horta,
Ao tricolor retornou.
Quando este decaiu
Novamente ele deixou
De torcer por clube, enfim,
De todos desanimou.
Foi somente jogador,
Peladeiro, sim senhor.
Muitos anos praticou.

Hélio dá depoimento
Sobre a Copa de cinquenta:
"- Um acidente perdê-la!"
Até hoje se lamenta:
"- O *já ganhou*, foi fatal,
O 2 X 1 na final
Ardeu mais do que pimenta!"

Sessenta e seis, Inglaterra,
Brasil foi eliminado
Por Portugal de Eusébio,
Jogador admirado.
Para Hélio, mais marcante,
Foi Pelé a todo instante,
Ferozmente ser caçado.

Depois dessa exibição
Ficou desestimulado,
Preferiu aproveitar
O que tinha programado:
Viajar pela Europa,
Deixou para trás a copa.
Foi melhor aproveitado.

A ACM fez parte

De sua vida por anos,
Lá jogava futebol
Com prazer, sem desenganos;
Em noventa, safenado,
Foi-lhe então recomendado:
Evite futuros danos!

Foi então pra AABB,
Novo círculo formou
Que com ele estiveram
Até que desencarnou.
Hélio era cativante,
Alegre, interessante.
O que plantou, germinou.

No Sítio em Laranjal
Ele sempre se esbaldava,
Escalava o seu time,
Que normalmente ganhava.
De algumas participei,
Nas vezes que o visitei.
Quando festa organizava.

PELA JANELA DO CARRO

Hélio era apaixonado
Pelo poder viajar,
Visitou muitas paisagens
De todo canto e lugar;
Na sua sala na Facha
Mapa-múndi se encaixa
Com alfinetes sem par.
São de todos os lugares
Por onde ele passou,
Pelos cinco continentes
Ele muito viajou.
Américas, Sul e Norte,
A Central como suporte,

Pro Caribe navegou.

A Europa, quase toda
Ele também percorreu;
Oriente Médio, sim,
O Egito conheceu;
Ásia, extremo oriente,
China e Japão presente,
Na África se comoveu.

Pelo Brasil, como dito,
Viajou daqui *prali*,
Sempre com a sua Kombi
Cantando qual Bem-te-vi;
Foi pro Sul, para o Nordeste,
Para Oeste e para o Leste,
Do Oiapoque ao Chuí.

Dorian Kuperman, amigo
Desde o início dos sessenta,
Disse: - mais de mil viagens
Fizemos juntos. Comenta:
- Nunca nos desentendemos,
Como amigos, convivemos.
Viagens, isso cimenta!

Quatro adultos, seis crianças,
Numa Kombi viajando
Por estradas diferentes,
O Brasil se desbravando.
Pra Muto: - o Brasil inteiro,
Ele de modo fagueiro,
Da janela, apreciando.

Na sua última viagem,
Dois mil e doze, ocorrida,
Dorian relembra bem

Da beleza então vivida;
Em direção a Manaus,
Escutando bacuraus;
Natureza extrovertida.

Hélio falou da viagem
Feita com os seus irmãos
Lauro e Nelson à Patagônia;
Foi repleta de bênçãos.
A Belina, resistente,
O motorista, insistente,
Resumindo: sem senãos.

O EMPREENDEDOR

No início dos cinquenta,
O quarto ano cursando,
Hélio Alonso foi então
Por Werneck convidando
Para um Curso integrar,
Latim então lecionar.
Boa notícia chegando.

Como a procura foi
Baixa, insuficiente,
Werneck fechou as portas
Do curso precocemente;
Mas a semente plantada
Por Hélio, na garotada
Frutificou plenamente,

Tanto que o procuraram
Para Latim lecionar,
Na Nacional de Direito
Pretendiam ingressar.
Hélio viu que na verdade,
Era a oportunidade
De seu Curso implantar.

Convidou a sua noiva
Para Francês ministrar,
O José Carlos Werneck
Para Histórias *contar*.
O Latim e o Português,
O possível então fez
Para o melhor mostrar.

Aos 25 de idade,
Na sede do Sindicato
Dos Tecelões, ele pode
Demonstrar todo seu tato.
Em 53 então,
Na Rua da Conceição
O iniciou de fato.

Nesse ano, inclusive,
Hélio aprovou então
Noventa por cento dos
Que seguiram seu bastão.
Entraram na Nacional,
Foram enfim seu aval,
Do Seu Curso, o embrião.

Empréstimo conseguiu
Junto à Caixa, pleiteado,
Como era funcionário,
Isso foi facilitado.
Com ele pagou o aval,
Pôs a empresa legal,
15 carteiras comprado.

Foi na Rua da Assembleia
O endereço inicial,
No 93 da mesma,
Sétimo andar, afinal.

Aos poucos o apartamento
Valeu o investimento.
O sucesso foi geral.

O anúncio colocado
Com as 12 aprovações
Fez de Hélio o pioneiro
Nesse tipo de inserções.
120 que chegaram,
4 turmas já formaram,
Hélio encerrou inscrições.
Dos 120 inscritos,
112 aprovações;
93 Nacional
Com suas valorações.
E já no ano seguinte,
Com trabalho, sem acinte,
400 inscrições.

Hélio tinha um proceder
Diferente, de inclusão,
Se um auno destacava,
Chamava sua atenção
Ele logo o convidava
E com ele trabalhava;
Foi o caso do Carrão.

Que em cinquenta e seis, de Hélio
Chamou sua atenção,
Em cinquenta e sete foi
Admitido então
No CHA como professor,
Vinte e quatro de labor;
Começou com a imersão.

Além do temperamento
Afável, a facilidade,

O estar sempre ao dispor,
A didática, é verdade,
Com todos, entrosamento,
Faziam qualquer momento,
Em grande felicidade.

O seu nome inscreveu
Entre os pré-vestibulares,
Firmou o educador
Nos mais altos patamares.
O seu latim ensinar
Não havia pra igualar,
Não havia similares.

Hélio foi, é indiscutível
Uma rara exceção
Entre os educadores,
Abraçava, dava a mão
Aos alunos, companheiros,
Aos colegas peladeiros.
Tinha enorme coração.

VALENÇA: A VIRADA

Por mais de vinte anos
Esse projeto durou
Pra estudar no Carnaval,
Mas ele logo vingou;
Começou em Campo Grande,
Improvisado *estande*,
Mas todos contaminou.

Já no retiro seguinte,
Em fazenda em Valença
Teve número maior
E claro, sua presença.
Então no terceiro ano
Surgiu o Valenciano,

Reforçando aquela crença.
A cidade de Valença
Fica no Sul Fluminense,
Estudantes a invadiram
Mas parecia nonsense.
Não foram pra farrear,
Nem o Carnaval brincar.
Só estudar sem suspense.

Valença hoje é passado
Mas para sempre lembrar,
Muitas horas de estudo
De olho no vestibular.
Havia cumplicidade,
Muita solidariedade
Com Hélio a comandar.

O aluno que passou
Por Valença, com certeza,
O CHA claro, conheceu
E do Hélio a gentileza.
À noite uma peladinha,
Se energia ainda tinha.
Ele Hélio, sem moleza!

Em setenta e cinco o
Retiro foi encerrado
Depois que o Vestibular
Foi então modificado:
O Latim, obrigatório,
Deixou de ser compulsório;
Prá Clássicas, descartado.

Em sessenta Hélio criou
Turmas de Vestibular
Em outros colégios para
O seu Curso ampliar.

O *Veiga* foi o primeiro,
Tijuca, Rio de Janeiro,
Que com Hélio foi somar.

O seu modelo vingou,
De repente se expandiu,
Em menos de cinco anos
Conveniado emergiu;
Incluindo as adesões
Tinha quatorze seções
Pelo Estado do Rio.

Invulgar pioneirismo,
Singular capacidade,
Transformaram aquele jovem
Em um líder de verdade.
Mais de 100 mil aprovados
Entre vários disputados.
Muita solidariedade.

FESTIVAL DE MÚSICA
Criado em sessenta e dois
Pelo então professor
Do CHA, o Júlio Machado,
Onde era historiador;
Ele é o mais antigo
Festival e foi abrigo
De cantor/compositor.

Vários nomes consagrados
Da música brasileira
A ele prestigiaram,
Era festa alvissareira;
Grandes nomes revelou,
Pro mercado os lançou;
Iniciativa primeira.

Ao longo da existência
Ele contabilizou
Jurados de grande porte:
Bethânia que muito honrou;
Paulo Pinheiro, Emilinha,
João Nogueira, Gonzaguinha,
Entre muitos. Se alastrou.

O *Colégio Hélio Alonso*
Começou com um leilão,
Na *Matriz*, em Botafogo,
Hélio abancou então.
Só o Médio implantando,
Era o interesse mandando
Naquela situação.

Isso em setenta e cinco;
Mas só dois anos depois
O do Méier começou
Em setenta e sete e expôs
Da *Hélio, Organização*,
Do Básico, indução,
Pré-Vestibular compôs.

Depoimentos marcantes
Existem à exaustão
Que pessoas que passaram
Pela Hélio emoção;
Avelina, professora,
Lúcia Assis, diretora,
Só boa recordação.

Adaiana, pedagoga,
Chegou à Supervisão
Pedagógica, que lembra,
Tiritando de emoção.
Ana Maria, com jeito,

Foi o seu braço direito:
Trinta de instituição.

E a Valéria Alvarenga,
Que começou normalista,
Fez carreira, fez estrada
Com o Hélio de avalista:
“- A honra, a dignidade,
Sempre foi sua verdade”
Diz Valéria, idealista.

Muitos vínculos o Hélio
Fez a questão de manter,
Pra ele, preciosidade,
Dignidade do ser.
Festas, comemorações,
Cimentaram relações,
Coloriram o viver.
A empresa sempre foi
Familiar, é verdade;
Consanguíneos, agregados,
Trabalharam à vontade;
De inegável carisma,
Multifacetado prisma,
Entrou pra posteridade.

Nailton Agostinho Maia,
Grande admirador
De Hélio, que também foi
Fiel colaborador,
Lembra de vários momentos,
Onde os bons sentimentos
Predominaram com amor:

“- Foram muito divertidos
Os almoços concorridos,
Com a equipe de trabalho,

Muitos papos debatidos;
O chope, a caipirinha
Com frangos ou *picaninhas*,
Fazia-os divertidos”

EDUCAÇÃO SUPERIOR
Em sessenta e oito, Hélio
De grupo participou,
Criado por Costa e Silva
Que então oficializou:
Disponibilizar mais vagas
Nas faculdades das *plagas*;
O resultado *bombou*.
Mas isso principalmente,
Com sinais peculiares
Daquelas tais faculdades
Chamadas particulares.
A partir dali, então,
O motor da educação,
As ditas auxiliares.

O início dos setenta
Ficou marcado então
Pelo grande incremento
Na área da educação
De nível superior.
Quem segura esse andor?
Particulares, senão...

Anteriormente dois terços
Estavam matriculados
Na pública educação.
Números retificados.
Já no final dos setenta,
Particular só aumenta
Invertendo esses dados.

Hélio acerca essa questão
Numa abordagem ímpar,
O governo formatava
O ensino particular.
Criar uma faculdade
Com a nova identidade.
Todos queriam estudar.

O Latim, o nosso forte,
Da grade foi abolido,
Para o Vestibular
Deixou de ser exigido
Para Ciências Humanas
Medidas draconianas,
Para sempre suprimido.

Aconteceu, entretanto,
Que os cursos em questão,
Por Hélio objetivados
Sofreram interdição.
Dos três cursos pretendidos
Somente um permitido
Social Comunicação.

Marcelo de Ipanema
Foi seu organizador
E à convite de Hélio,
Seu primeiro Diretor.
Estruturou, fez história,
Tem seu nome na memória
De todos, pelo labor.

Dia vinte de janeiro
De setenta e um o Curso
Foi pelo MEC aprovado.
Nem precisou de recurso.
Entre as habilitações,

PP, Públicas Relações
E *Jornalismo* percurso.

O Marcelo preparou
Currículo impecável,
Profissionais e docentes
De gabarito invejável.
Conselheiros que o viram,
Conscientes emitiram
Um louvor inigualável.

No processo de expansão
A Facha então agregou
Fundamentais elementos
Que só a valorizou:
Técnico-intelectual,
Demanda profissional;
Transformação ecoou.

Foram muitos companheiros
Ao longo dessa jornada,
Citaremos alguns deles,
Daquela quente fornada:
Jorge Tadeu, Plínio Muto,
Um Neiva bem resoluto,
Gilson Caroni, guinada.

Fernando Sá, Aristides,
Ao lado, César Guilmar;
A Maria Eulália Porto,
Fred Tavares a par.
Anderson Ortiz, recente;
Falta ainda muita gente,
Mas todos podem lembrar.

O QUARTO TURNO
Esse turno começava

A partir das 10 da noite
Quando as aulas terminavam,
Qual movido por açoite.
Jornalismo, produção,
Política discussão,
Ninguém procurando amoite.

Música, teatro dança,
Cinemas e artes plásticas,
Fotografia e outras
Manifestações *elásticas*;
Pelas salas, corredores,
Pelo pátio, meus senhores,
Apresentações fantásticas.

Se apresentaram também
Artistas de todo naipe;
Samba rock, repentistas,
Todo valor e quilate;
Zélia Duncan, Azulão,
Blues Etílicos, plantão,
Hermeto e seu destaque.

O *Grutacha*, de teatro,
Criado por Bianchin,
O Sady, sempre presente
No início e no fim:
Populares tradições,
Em literárias ações,
A matéria-prima, enfim.
O Grutacha, todo ano
Faz sua apresentação,
Pode ser obra inédita,
Mas pode ser revisão
De sucesso já encenado,
O importante é o tablado,
Ter do público atenção.

Outros projetos de peso:
Terças acústicas, mais
Quartas poéticas e
Nossas *Sextas musicais*.
Intercâmbio musical,
Poeta e aluno, afinal,
São dias especiais.

NAC, Estúdio de TV
A Feira da Providência,
O *Jornal Laboratório*
Onde soma experiência.
O aluno que labuta,
Que nunca desiste, luta.
Hélio Alonso, providência.

A TEORIA E A PRÁTICA
Desde o início do Curso
De Jornalismo, a Facha,
Considera indispensável
Buscar o que se encaixa:
Culturas, informações,
As técnicas ações
E novidades sem racha.
O Jornalismo on-line,
O uso da Internet,
TV por assinatura
Incluindo a *Fachanet*.
O Curso é considerado
O que mais tem empregado
Até *feras* da *Ethernet*.

Assim como o Jornalismo,
Outro Curso, o PP,
Oferece disciplinas
Ligadas ao metiê;

Com informatização,
Pesquisa e Produção.
Só o que não quer não vê.

Com o mesmo proceder,
Curso de Radialismo
Tem prática e teoria;
Isso não é eufemismo!
Nos estúdios de TV,
Produzir e escrever,
Muito profissionalismo.

O *Curso de Relações Públicas* bem se destaca
Entre os superiores,
Verdadeiro gol de placa.
Com técnica, professores
Formam comunicadores
Para o Mercado acatar.

Grande parte dos alunos
Tem destaque no mercado;
Citaremos mais alguns,
Além dos enunciados:
O Xexéo e a Karina,
A Edleide, a Boldrini,
Todos eles colocados.

Tem mais ainda, o Sabóia
Que se tornou professor,
O Genilson que nos ares
Mostra todo seu valor;
Ancelmo Gois, o Assaf;
Todo esse enorme staff,
Com a Facha por onde for.

TURISMO: PIONEIRISMO

Ao idealizar um curso
Superior em Turismo,
Hélio Alonso demonstrou
De novo, pioneirismo.
Não só de educador,
Mas de empreendedor;
Nesse campo vanguardismo.

A iniciativa comprova
A sua antevisão,
Praquele profissional
Sua capacitação.
O turismo ampliou,
O País então criou
Um Ministério então.
A Facha, mais uma vez
Primeira a acreditar
Nessa área, necessário
Profissional exemplar,
Com nível superior,
Dedicado, com ardor
Pro turismo incrementar.

O Curso da Facha conta
Com modelar Escritório
De Práticas de Turismo
E também Laboratório,
Organizando excursões,
Integrando as ações
Pra torna-lo meritório.

Em noventa e oito, Hélio
Imprimiu Facha-expansão:
Criou o *Campus do Méier*,
Ampliou a atuação
Com a mesma qualidade,
A melhor finalidade,

Mais da mesma emoção.

DIREITO: O SONHO REALIZADO
Por sua proximidade
Com a área do Direito
E por ter participado
Da formação com respeito,
Criar uma faculdade
De Direito, é verdade,
Data Vênia, foi perfeito!

Com tantos advogados,
Juízes e promotores,
Que ajudou a formar,
Também desembargadores,
É claro que implantaria
Com especial galhardia
O Direito, meus senhores!

O Direito aqui da Facha
Busca então preparar
Bacharéis que compreendam
Seu espaço, seu lugar;
Do Direito, a relevância,
A social importância,
O melhor de si, doar.

Por meio de atividades
Práticas e acadêmicas
Os alunos desenvolvem
Integrações *ecumênicas.*
Grupos marginalizados,
Mesmo estigmatizados;
Atuações *epidêmicas*.

É trabalho social
Sob especialista,

Na área cível, penal,
Da família, trabalhista;
Forte determinação
Pra atender o cidadão
Sem ser assistencialista.
Ao fazer quarenta anos
Sua Instituição,
Hélio em *Carta Aberta* fez
Tocante declaração,
Sempre foi preocupado,
Que fosse qualificado
O aluno, a formação:

"- Tenho a clara noção
Que as conquistas recentes
Não superam as antigas,
Inda insuficientes.
É preciso combater
Erros para o Brasil ser
Um país de eficientes."

Seus oitenta e seis anos
Foi uma festa emocionante;
Teve amigos, professores
E alunos, bom montante.
Familiares, é claro,
Afinal, Hélio é preclaro;
Sempre amigo, todo instante.

Hélio percebeu que era
Sua hora de passar
O *bastão* para que outro
O pudesse *balizar*:
Paulo Alonso, ex-aluno,
Aceitou manter o *prumo*
Para o *barco* comandar.

A trajetória de vida
De Hélio Alonso norteou
Ações e projetos que
A OHAEC plantou.
Teve condecorações,
Comendas e distinções.
Tudo dele, germinou.

O PAI, O AVÔ, O AMIGO

A citação bem demonstra
O homem, o educador,
O empresário que ajuda,
Que o fez recebedor
De todo tipo de preito,
Que não mudou o seu jeito:
Simples e acolhedor.

Se o professor marcou
Todos positivamente,
Os amigos, os alunos,
Que dizer cada parente,
Filhas, netos e sobrinhos,
Crianças e rapazinhos;
Sempre esteve bem presente.

“A minha família foi
Muito unida e saudável,
Graças à educação
E aos meus pais, inegável.
A meus irmãos agradeço,
A todos pelo apreço.
E à Jô, incontestável!”
Claudia, filha, esclarece:
“Ele foi extraordinário,
Ele foi o meu modelo,
Lato, consuetudinário;
Do estudo, do trabalho,

Resistente qual carvalho;
Foi como um ser lendário!”

Andréia também comenta:
“- A ser bem trabalhadora
Com meu pai eu aprendi
Pra ser vice-diretora;
Várias trilhas percorridas,
Mil canchas adquiridas
E ele, mola propulsora”.

Márcia diz: “Nosso pai foi
Grande empreendedor,
Seu exemplo nos inspira
A levar o seu andor.
Nosso sonho é dar à Facha
Tudo que então se encaixa
No sonho do criador.”

Em 2012 Hélio
Foi diagnosticado
Com mielodisplasia
Que piorou seu estado.
2015, afinal
O suspiro terminal.
Deixou ótimo legado.

Alunos e professores,
Amigos, familiares
Lamentaram a partida
Com modos peculiares;
Homenagens de montão
Ratificaram então
Os seus modos singulares.

O AUTOR
José Guilherme Teles

Ingressei na Facha em
Março de oitenta e seis
Pelo Marcos Alexandre.
Quanto bem ele me fez!
Desde o primeiro momento
Percebi ser o assento,
Que não teria talvez.

No meu teste pra inclusão
Aula tive que aplicar
Para alunos, para o Hélio,
Que eu pude admirar
Junto com a Diretoria;

Claro, tive *asfixia*,
Mas foi teste exemplar.
Como era jornalista,
Dono de micro empresa
De gráfica produção,
Não senti tanta dureza:
Técnicas de Produção
E também de Difusão
Em Jornalismo, moleza!
Depois me aperfeiçoei,
Fiz História e Docência,
Depois pós-graduação
Para ter mais abrangência.
Hoje, trinta e dois passados,
Momentos belos guardados
Da Facha. Que convivência!

HÉLIO
Guilherme Teles (em Décima)

A expressão cristalina,
O rosto sempre formoso,
Um olhar criterioso
Qual da águia na colina,
Como estrela matutina;
Seu sorriso, envolvente,
Seu ar sempre complacente
Irradiava energia,
Poderosa sinergia,
Qual luz sempre reluzente.
Era amigo, era presente,
Tinha grande coração,
Sempre pronto a dar a mão
Com o discurso eloquente,
Incansável, persistente.
Pelas trilhas que pisou
Do seu ideal falou,

Sem fazer esforço vão
Distribuiu emoção
E a muitos ajudou.

Quem teve um dia então
A chance de partilhar
De sua vida sem par
Percebeu com emoção
O seu grande coração.

Sábias palavras, exemplos,
Afastando desalentos;
Pelo bem sempre pautou,
Floresceu, realizou
Inesquecíveis momentos.



O AUTOR

JOSÉ GUILHERME Soares TELES, nasceu em Belém, Pará, em 25 de junho de 1949. É pai de seis filhos e avô de quatro netos. É jornalista, cordelista (acadêmico da ABLC, cadeira nº 13) e Professor. Se classifica como aprendiz de poeta.

Entre 2017 e 2020 publicou mais de 70 cordéis. Também em 2017, pela Editora Labrador, lançou o livro Pequena História do Rio de Janeiro, em cordel sextilha, com um glossário dos fatos históricos cordelisados na obra.

Em 2020 já publicou, além de folhetos, dois livros em cordel com ISBN, Poemeus II e Filosofando, a História da Filosofia. Além desses, publicou seu primeiro romance: Os Meninos da Mangueira e o livro infanto-juvenil: A Menina que perdeu a cabeça e outras histórias. *Chico Salles, o Menestrel, Luiz Gonzaga, o mestre do baião entre outros.*

E-mail: barreirotell@gmail.com

Tel.: (21) 99888-3013